



Como eu faço/cuido?

Título: Grupalidade e Clínica Fonoaudiológica: funções terapêuticas

Palestrante: Vera Lúcia Ferreira Mendes

A sistematização e a produção do conhecimento em relação aos dispositivos grupais, é questão primordial diante do crescimento das práticas clínico-terapêuticas em grupo, realizadas pelo fonoaudiólogo em instituições da rede pública de saúde, em coletivos e/ou projetos sociais do terceiro setor. Pode-se dizer que investir no trabalho com grupos é uma escolha ética, estética e política, na medida em que se trata da construção de uma outra produção subjetiva: os *coletivos* como estratégia de resistência à condição individuocêntrica dominante. Neste sentido, não interessa aqui pensar o que são os grupos. Nossa questão é, como nos ensina Fernández (2006) o *para que*, o *quando* e o *que se produz* nos grupos. Portanto, o foco de análise está em pensar qual é o grupal dos grupos, o que acontece neles, o que se produz. Em outras palavras: pensar a grupalidade. Nesta perspectiva, os dispositivos grupais devem ser pensados como uma tecnologia de intervenção que visa ampliar a capacidade de interação de indivíduos e grupos. Se for assim, os grupos aumentam a potência de ação dos coletivos e estimulam a construção de redes cooperativas, organizadas com variadas tecnologias sociais, desde que pensados para além dos aspectos formais e organizacionais de suas constituições, e investidos a partir de posições clínicas que favoreçam a escuta e a intervenção nas questões que ali emergem. Tal compromisso ajuda a dar maior consistência à clínica grupal uma vez que, como nos diz Vicentin (2005), *“ainda que haja uma utilização crescente do dispositivo grupal nas instituições públicas de saúde, o modo acrítico, espontaneísta ou tecnicista como muitas vezes é implementado – desprovido, portanto, das considerações e problematizações ético-teórico-políticas que o atravessam – não contribui para que o grupo se constitua como dispositivo para promoção de cidadania, de coletividade e de singularidade – nossa utopia no campo da saúde mental, em particular, e das ciências humanas, em geral”*. Nesse sentido, é fundamental analisar a potencialidade dos dispositivos grupais como recurso terapêutico, bem como as condições e especificidades do papel do terapeuta/coordenador neste tipo de intervenção clínica, desde que investida como agenciamentos microsociais e compreendendo que o “grupo não tem relação com a vida privada dos indivíduos que se reúnem em determinado espaço, por um certo tempo, para cumprir certos objetivos. Ele é (ou pode ser) um dispositivo quando trata de intensificar em cada fala, som, gesto, o que tais componentes acionam das instituições (sociais/históricas) e de como nelas constroem novas redes singulares de diferenciação” (Barros, 1994).